



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



O castigo do Patarreco

(CONTO) por JOSÉ AUGUSTO DO VALE

QUASI no fundo duma bouça, bastante longe do povoado, numa casinha rasteira, branca como a neve, habitava um alegre camponês que vivia numa relativa abundância em companhia de sua mulher e um filho único a quem chamavam, por alcunha: — «O Patarreco». Esta alcunha havia-lhe sido posta por outros rapazes, devido à sua estatura que não correspondia ao adiantado da idade. Mas, nesse ponto, não tinha êle culpa nem os seus pais.

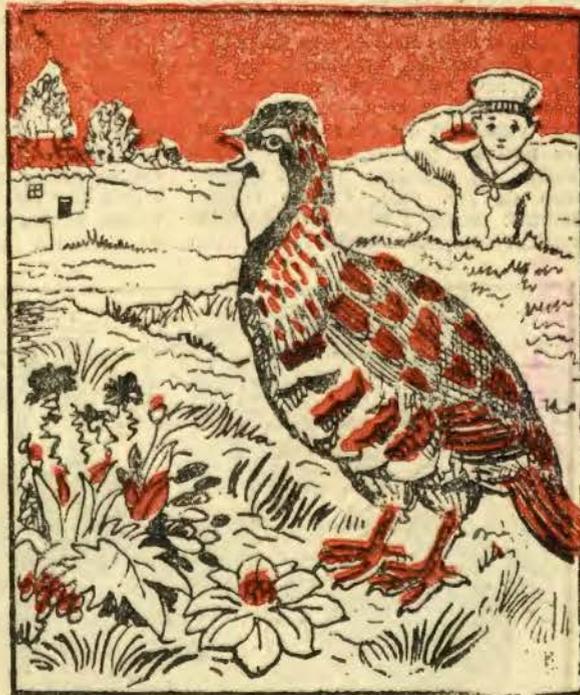
Agora, no que merecia uns certos reparos era no seu continuo desleixo.

A mãe, desejando inculcar-lhe o hábito de ser limpo e acciado para consigo e nas coisas que lhe eram confiadas, passava um martírio com o fim de bem o encaminhar. Repreendia-o continuamente.

O pai, nos dias de chuva ou neve, que não lhe permitiam o trabalho nos cômodos dos arredores da casa, occupava-se a fazer vassouras, ceiras, capachos, etc., utilizando certas ervas que vigorosamente tinham crescido nos pincairos da serra e que eram recolhidas em princípios do Outono.

Quis o pai ensinar-lhe aquelle modo de vida, fazendo-lhe ver que deveria ser perfeito na obra para que ella tivesse freguezia. A mãe, por sua vez, continuava a insistir: — «que devia lavar, sempre, as mãos antes e depois da comida». Mas, como êle era muito rebelde ao asseio, apresentando-se, a maior parte das vezes, com a cara suja e o fato enodado, a mãe chamava-lhe, com frequência, um «Códca» e outras vezes, um «Codacha» termos populares na Beira Baixa que querem dizer—individuo muito pouco limpo.

Ors, na altura em que a mãe do «Patarreco» estava



a fazer-lhe tais observações, chamando-lhe «Codacha», passou um bando de perdizes na encosta do monte, o qual, ouvindo as censuras da mãe, tomou sentido na palavra «Codacha».

Daí em diante, a fim de envergonharem o filho, as perdizes começaram logo a proclamar, bem alto, pelas

(Continua na página 3)

A Menina que fazia Milagres

Por J. F. S.

Desenhos de CASTAÑE

Manuela é filha única. 12 anos alegres e saudáveis mas um pouco inimigos do estudo... A pequenita está à janela com seu pai. Passa na rua um pobre cego, tateando o caminho com uma bengala branca. Um transeunte dá-lhe o braço e com ele atravessa a rua.

Manuela (que seguiu todos os movimentos do cego) Triste coisa é não ter vista, não é verdade, papá? Por mim preferia não viver a ter uma sorte tão desgraçada!

O pai. Não tens razão, Manuela. Ser cego não é uma desgraça, é um defeito físico, como ser côxo, manêta ou glabro. De resto, cada um pode ser feliz quando o queira ser, ainda mesmo que todas as fatalidades hajam desabado sobre ele. Basta suprir o que lhe falta com outras faculdades criadas por si próprio, e manter firme o desejo de ser feliz e útil.

Manuela. Mas que pode fazer um cego?

O pai. Tudo quanto faz uma pessoa com vista, e, às vezes, mais ainda... Manuela. Mais ainda?!

O pai. Sim, minha filha. O cego não tendo o sentido que possuem os videntes, é forçado a concentrar em si toda a força mental que dispendia com esse sentido, resultando daí poder aplicar essa força em manifestações elevadas. Tem havido cegos ilustres: existiram em Portugal, os grandes poetas e prosadores António Feliciano de Castilho e, nos últimos anos da sua vida, Camilo Castelo Branco; temos o notável compositor musical Joaquim Nunes Pinto, além

*de professores de incontestável merecimento e bons artistas. Cegos eram Milton, o sublime poeta da antiguidade; Homero, autor do célebre poema *Iliada*; Francisco Huber, considerado o fundador da apicultura, e ainda pintor, naturalista, físico e escritor de raro merecimento; Luiz Braille, criador do sistema de leitura e escrita usado pelos cegos; Ballu, que aperfeiçoou aquele sistema e foi um pujante inventor; dr. Emile Javel, médico oftalmologista, director dum laboratório de Paris, e muitos outros...*

Manuela. Fico hoje sabendo uma coisa bem importante, papá. Nunca calculei que um cego pudesse ir tão longe.

O pai. Admiras-te antes de tempo, Manuela. Que dirás, então, quando souberes que existiu, até há poucos anos, uma senhora que conseguiu ascender, desde menina, a altos estudos, fazendo tudo quanto uma pessoa normal faz, apesar de ser, quasi desde nascença, cega, surd, e muda?

Manuela. Como, papá?! Não vendo, não ouvindo e não falando?

O pai. Sim, minha filha. Manuela. E como se chamava?

O pai. Chamava-se Helena Keeler; era de nacionalidade americana e nasceu em 1880.

Com uma força de vontade levada ao extremo, com uma tenacidade e corágem sem igual, essa menina foi conhecendo o valor e a razão das palavras por meio da escrita, feita na palma da sua mão por uma dedicada e afectuosa professora—Miss Sulli-



van. Depois conheceu a razão de ser das coisas, da vida, da natureza, dos afectos, da familia... Aprendeu a somar, a diminuir, a dividir...

Manuela. Sempre pelo mesmo processo?

O pai. Evidentemente.

Mais tarde começou compreendendo o que lhe diziam, pondo os seus dedos nos lábios de quem falava, e, por último, graças a processos especiais de que os mestres se servem para ensinar a falar os surdo-mudos, articulou sons, e, ainda que incompletamente, começou falando. Aprendeu a ler e a escrever, e, seguidamente, todas as disciplinas do curso primário.

Manuela. Que grande esforço!

O pai. Sim, filha! Que grande e notável esforço o que grande e impressionante exemplo para as meninas e meninos com vista e audição...

Mas há mais: dos conhecimentos primários, Helena passou á escola superior de Cambridge.

Manuela. Mas como ouvia e compreendia as lições?

O pai. Ela mesmo o contou nas suas memórias: «Os meus professores, evidentemente, nunca tinham ensinado senão discipulos normais, e o único meio que eu tinha, para os compreender, era ler os movimentos dos seus lábios.» Fez assim o primeiro ano, que compreendeu a história e literatura inglesas, alemão, latim e aritmética.

Manuela. E' admirável!

O pai. Era escrevendo na mão da aluna que a professora lhe transmitia, o que os mestres diziam, estudando depois Helena em livros escritos em relêvo.

Manuela. Escritos em relêvo?

O pai. Sim, porque é essa a forma de escrita e leitura utilizada pelos cegos e inventada pelo cego Braille,



como já te disse. Nos intervalos das lições, Helena Keeler lia as obras dos melhores autores nas línguas que conhecia.

Manuela (vivamente interessada)
E depois papá, e depois?...
O pai. Depois, concluídos os estudos em Cambridge, fez, em 1897, exame de admissão á escola superior de Radcliffe. Foi examinada em alemão, curso elementar e superior, francês, latim, inglês, grêgo e história romana.

Manuela. E ficou aprovada?
O pai. Em absoluto, e até recebeu felicitações pelo brilhantismo dos seus exames de inglês e de alemão. Nota que os exames eram, então, coisa séria, nada menos de dezesseis horas; doze destinadas a provas elementares e quatro ás superiores.

Dois anos após, concluiu os exames de admissão á escola de Radcliffe, constando de geometria, latim superior, álgebra e grêgo elementar e superior. Os estudos seguiram até concluir o curso com um êxito notável.

Manuela. Chega a parecer um sonho...
O pai. Sim, minha filha, parece um sonho, mas é uma realidade. Porém, essa menina não estudava somente. Aprendeu, também, a nadar, a remar, a jogar o xadrez e as cartas. Costia e fazia «crochet»...

Manuela (que tem uma certa antipatia pelos lavôres) Cega e a fazer «crochet»? E não se aborrecia? Não se picava?



O pai (intencionalmente) Não, minha Manuela, nada nos faz mal e tudo nos torna felizes quando o realizamos de vontade.

Manuela. Mas, papá, essa menina fazia verdadeiros milagres...

O pai. Fazia os milagres que a paciência, a coráge, o amôr ao trabalho e a tenacidade dispensam sempre áqueles que se devotam a essas

qualidades que existem latentes no intimo de todos nós.

Manuela (abraçando ternamente o pai) A lição foi-me proveitosa. Hei-de ter sempre presente a vida de Helena Keeler que o papá acaba de me contar. Os cegos passam a ter em mim uma sincera admiradora e o exemplo da cega-surda-muda servir-me-há de estímulo.

F I M

O CASTIGO DO PATARRECO

(Continuação da página 1)

encostas das serras: — «Codacha... Codacha... Codacha... andá... andá... Patarreco; andá... andá... Patarreco!»

Então, o «Patarreco», muito arreliado com a linguagem ofensiva das perdizes, à medida que foi crescendo, lá fazia por se emendar, conseguindo chegar a ser um homem exemplar.

Mas as lindas perdizes, espertas, asseadas e de boa memória, como são, nunca mais esqueceram aqueles termos que, finalmente, foram adoptados por todas as

perdizes, para que tais palavras sirvam de castigo a todos os meninos que são teimosos e pouco asseados.

Portanto, meus amiguinhos, quando ouvirdes a linguagem das perdizes a dizer: — «Codacha... codacha..., andá... andá... «Patarreco»; andá... andá... «Patarreco» — lembrai-vos, logo, da história do Patarreco.

Menino pouco asseado
por todós é desprezado.

F I M

1.º CONCURSO MENSAL DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

CONCORRENTES CLASSIFICADOS



Marlo da Costa Pinho
da Série C

Lulza Emilia da Silva Romar
da Série A

José Rodrigues Canedo
da Série B

Odette da Piedade Passos
da Série A

Rui de Barros
da Série B

AS POMBINHAS

Por BERTA SOBRAL

Desenhos de CASTAÑE



JOÃOZINHO esteve bastante mal, mas, felizmente, encontra-se já livre de perigo.

Os médicos afirmaram à sua bondosa e solícita mamã que o menino se salvara, que já entrara na convalescença e que esta não seria muito demorada.

A pobre senhora que recorrera a toda a sua energia e grande corágem para afrontar o perigo e poder resistir à desgraça que a ameaçava, o maior golpe que poderia ferir o seu coração de mãe estremosa — não se sentiu com forças perante a alegria infinda que lhe inundou, repentinamente, a alma atribulada.

O cansaço de tantos cuidados que prodigalisara ao seu amado Joãozinho, das noites de vigília que tivera durante a sua demorada e perigosa doença, tomou posse dela.

Eis a razão porque o seu filhinho, agora, se encontra só, no seu elegante quatinho de doente.

Ei-lo meio sentado na sua caminha de ferro, branca, recostado em belas almofadas, onde a sua pequenina e pálida cabeça, emoldu-



rada por belos e negros cabelos, põe uma mancha escura.

Defronte de seu pequeno leito, abre-se uma grande janela, através da qual se vê o céu dum

azul puríssimo, cuja monotonia é quebrada de quando em quando, por uma alva e levíssima nuvem,

Por ela entra o radioso sol e o alegre canto dos passarinhos e cigarras.

Nas persianas vieram pousar duas pombinhas, as grandes amigas do nosso Joãozinho; em grande e animado colóquio, o saúdam, talvez pela sua convalescença.

Agora que ele está melhor, já pode recommençar o antigo e simpático hábito de lhes dar a debicar pequenas migalhas de pão.

Alguém conhecia esse seu costume, pois que, para esse fim, se encontram dois pãezinhos em cima da mesinha de cabeceira.

Entre todas, há uma que João distingue, porque é menos receosa, atrevendo-se a ir comer as migalhinhas na própria mão do nosso doentinho.

Lá está ela já sôbre a cama!

Sua cabecinha parece um bocadinho de céu numa noite estrelada: toda cinzenta às pintinhas brancas. Joãozinho vai-a chamando a si, atraindo-a com os bocadinhos de pão, colocados cada vez mais próximos d'ele.

Finalmente, ao alcance das mãos... apanhou-a!

Como ela se debate! Agita as asas, pica os débeis dedos que a prendem, maldiz, talvez, o grande defeito da gula que a tornou imprudente! Por fim, já exausta de lutar, deixa cair suas asas com desespero e os seus olhos, que mais parecem

CARIDADE

Por ALSACIA FONTES MACHADO

TOMBA o sol no horizonte,
Por trás da crista do monte,
Entre uma nuvem dourada,
E a pequenina Maria,
Vinda da rua, trazia
A parca ceia esmolada.

De manhã tinha almoçado
Um pouco de pão deixado
Na véspera, já denegrido;
Entrou em casa a sorrir,
Porque contava ir dormir
Com o corpinho aquecido.



Pois um caldo ia arranjar
Com o que fôra esmolar
E o beberia bem quente.
Mas, nisto, á porta de entrada,
Uma tímida pancada
Se ouve bater, de repente.

Tirou do lume, com jeito,
O caldo que havia feito
E foi ver quem bateria:
Era uma pobre vèlhinha
Curvada, esfarrapadinha,
Que, em voz fraca, lhe dizia:

— «Dê-me uma esmola, menina
«Ainda que pequenina,
«Que a Deus rogarei por si...
«Tenha de mim compaixão,
«Dê-me um restinho de pão
«Que ainda hoje não comi!...»—

Maria corre a buscar
O caldo que ia tomar,
(Ficou com fome, bem sei...)
E dando a esmola à vèlhinha:
— «Toma, ceia, póbrezinha,
«Porque eu já hoje almocei...»

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

duas brilhantes contas, imploram a liberdade ao menino, enquanto o seu pequeno coração bate... bate com tanta fôrça que parece querer fugir através dos espaços além, adquirir a liberdade que perdeu.

Joãozinho é um menino muito bondoso; não quer fazer mal à avezinha e, se a agarrou, foi só para melhor a acariciar.

Depois de lhe ter feito muitas festas, deu, á pobre e linda pombinha, a liberdade que ela tanto ambicionava.

Mas, se em vez de Joãozinho, houvera sido um menino mau, como infelizmente há tantos?!

Qual seria a sua sorte!

Bem triste, certamente!

Meus queridos amiguinhos, notai que, como esta graciosa pombinha, há muitos meninos gulosos.

Lembrem-se, porém, que a gula é um defeito que conduz a muitos erros.

Não sejam gulosos! Lembrem-se da sorte que podia ter tido esta linda pombinha.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

O Q U A D R O

POR MARIO COSTA PINTO

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

N

UMA aldeia perdida no coração do Minho, habitava em casinha muito branca, que o arvoredo beijava ternamente, um casal de velhinhos — oitenta anos feitos — que toda a sua vida se haviam amado e ajudado mutuamente e hoje, cansados do trabalho laborioso de muitos anos, se haviam recolhido àquele casebre, esperando que soasse a sua

hora derradeira.

A alegrar aquela solitária habitação havia os risos e as traquinices dum garoto de seis anos, única ventura daqueles velhinhos. A criança, viva e inteligente quedava-se, por vezes, ante o retrato dum guerreiro, que se notava dependurado numa das paredes.

Quem seria aquele homem todo vestido de ferro, e com uma espada tão grande? — Pensava o irrequieto Manuel, até que, um dia, farto de matutar, não se conteve e virando-se para o velhinho, perguntou:

— Avô, quem é este homem?

Então o velho, fixando o retrato e acariciando depois o petiz com a mão trémula, respondeu contristado, por não poder satisfazer-lhe o desejo: — Sei lá, pequeno!

Alguns dias depois desta cena, uma violenta trovoadas se desencadeou, amedrontando os pobres velhos que logo correram ao oratório, murmurando uma prece, pedindo a Deus que os ouvisse.

Junto deles, o pequeno punha os seus olhos expressivos na imagem da Senhora, iluminada pela luz bruxuleante da candeia que ardia a seus pés e que fazia bailar pelas paredes sombras estranhas.

De súbito, duas fortes argoladas quebram a oração dos velhinhos e logo uma voz exclama:

— Abra, faça favor!

Abre o velho a porta e um homem, alto, envergando um rico fato onde se desenhava a sua figura com elegância, entra tirando o chapéu e dando as «Boas noites».

Disse ser o visconde de Z..., e acrescentou que, dirigindo-se para o seu solar, fôra no caminho surpreendido pelo temporal, o que o levara, pois, a vir pedir asilo. Recebeu-o o bom homem respeitosamente e, acabada a tem-



pestade foram cear compartilhando dessa parca refeição o visconde de Z.... O pequenino sentia-se tão acariado pelo fidalgo que, não resistindo, perguntou:

— O' sr. Visconde, quem é aquele homem? — E apontou o quadro.

Então o titular, pondo o petiz ao colo, disse-lhe:

— Aquele homem, Manuel, chamou-se Nuno Alvares Pereira e tem uma história muito grande e muito linda. Entrou em muitas batalhas e delas sempre saía vitorioso. Vou contar-te uma das suas batalhas que foi a maior que teve:

O rei de Castela tentou, um dia, entrar em Portugal.

Reuniu, portanto, um grande exército e veio com ele a caminho de Leiria, disposto a entrar em Lisboa. Nuno Alvares, porém, sabedor das manobras do inimigo, parte ao seu encontro com um exército que, comparado ao do inimigo, não era nada! A pouco e pouco, o rei castelhano avançava, ao mesmo tempo que as tropas de Nuno Alvares prosseguiam no seu caminho, afim de encontrar o inimigo. Na madrugada de 14 de Agosto de 1383, o rei de Castela aproximava-se de Aljubarrota bem como os soldados do nosso guerreiro.

Quando o sol vinha rompendo, dourando com os seus raios o chão sagrado de Portugal, eis que os dois exércitos se encontram, dando-se, então, a inevitável batalha que se estendeu por todo o dia. Os portugueses viam que a vitória lhes começava fugindo, e o rei de Castela julgava que distribuía agora as últimas cuteladas; mas Nuno Alvares não desanimara nunca e a sua espada gloriosa, reluzindo ao sol, cutilava os soldados da hoste inimiga; atrás de si, todo o seu exército vinha em correria vertiginosa aos gritos de S. Jorge.

Pela tarde, quando o sol declinava lentamente, Nuno Alvares vencera, e Portugal ficara livre do grande pesadelo que sobre ele pairara; entretanto o rei de Castela, encoberto pelas sombras da noite, fugia, ao longe, deixando no campo os corpos ensanguentados dos seus soldados.

Esta batalha ficou-se chamando de Aljubarrota por se ter ferido nos campos deste nome.

D. João I mandou edificar no local da luta um



grandioso mosteiro que ali se venera sôb a denominação da «Batalha».

O rosto do pequeno iluminava-se súbitamente por ter ouvido uma tão linda história; mas o fidalgo quis dizer-lhe ainda: — Olha, Manuel, este guerreiro possuía tão bom coração que dava tudo quanto tinha só para não ver sofrer. Mais tarde recolheu a um convento que mandara construir em Lisboa, e que se venera no Largo do Carmo, aí falecendo com 71 anos.

Foi, muitos anos depois, feito santo e hoje todos os

portugueses vão orar junto do altar de Frei Nuno de Santa Maria.

No dia seguinte, o visconde de Z... abandonava o casbre, deixando uma avultada quantia para os velhotes, e o pequeno veio à porta dizer aqúele senhor que lhe contára uma história tão linda, só vindo para dentro quando o viu desaparecer numa curva que, ao longe, a estrada faz.

■■■■ F I M ■■■■

ADIVINHAS

POR BERTA SOBRAL

QUAL A COISA QUAL É ELA?

I

Sem mim não pode haver pai...
(Adivinhem desta vez)
Não pôde existir o Papa
nem tam pouco, o português.

II

Ele é um País
e é masculino;
foi grande entre os grandes
e é bem pequenino.

III

Há na pereira
belas peras...
O nome da mulher que acabas
de dizer
é o daquela que as há-de comer.

IV

Qual é coisa, qual será?...
Quem me dera já saber!
Este é o fruto que ele dá!
(Vamos leitor, vê se dizes...)
sem ser árvore, tem folhas,
contudo não tem raizes.

V

São três amigos valentes,
andam sempre os três unidos
muito alegres e contentes,
teem, nas feiras, barraca
e o retrato num jornal.
Noutros séculos viveram
e no Século actual.

VI

E' uma terra portuguesa
e bonita, sem favor,
possuindo o mesmo nome
da terra do Redentor.

(Ver as soluções no próximo número)

2.º CONCURSO MENSAL DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

AVISO AOS CONCORRENTES

Na absoluta impossibilidade de darmos, já neste número, o apuramento final do nosso segundo concurso mensal, fá-lo-hemos no próximo, dada a circunstância de ainda ontem havermos recebido alguns originais.

No próximo número publicaremos, também, as condições a que devem obedecer os concorrentes ao

3.º Concurso Mensal de Poesias e Contos Infantís

PARA OS MENINOS COLORIREM

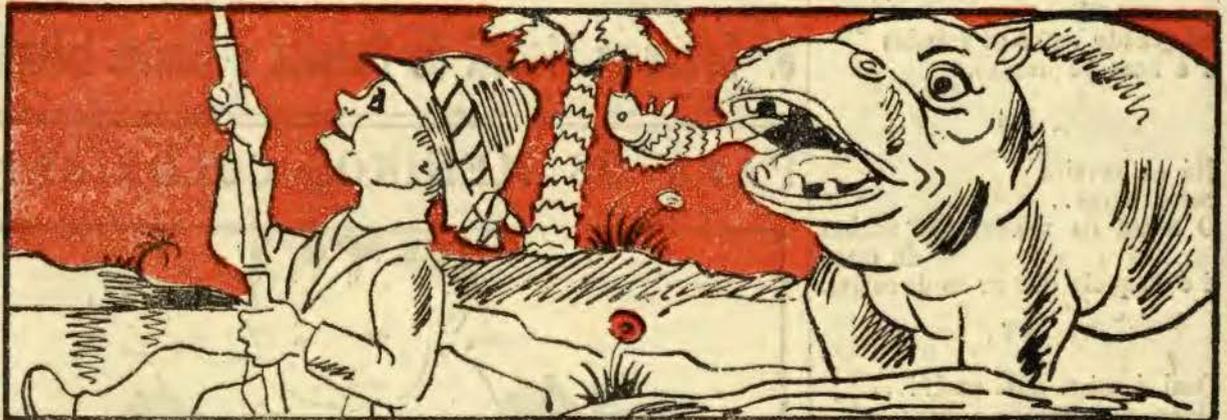


PESCA INESPERADA



I — A' falta de leões para caçar, o grande explorador Pedro Camacho decidiu ir pescar, sentando-se na margem dum riacho.

II — Farto, porém, de ter a cana ao alto aguardando que o peixe fôsse à isca, mostra-se logo farto de pachorra, por vêr a pesca arisca.



III — Mas sentindo um puxão assás violento, ergue, subitamente, a cana e, lesto, num rápido momento, atira para trás o anzol e o resto.

IV — Mais por curiosidade ou desfastio, volta-se para vêr o que pescara, quando, à ponta do fio, um enorme hipopótamo devara.



V — «Esta agora!... — (murmura o nosso herói, atônito, espantado) — Não posso perceber como isto foi?!...»

VI — *Desta história a moral eis evidente: — Quantas coisas no mundo assim dão brado, partindo dum equívoco sómente!*